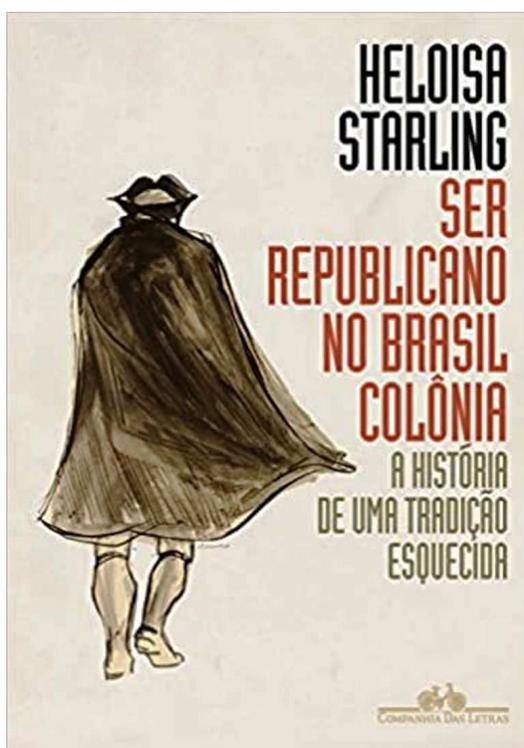


RESENHA

STARLING, Heloísa Murgel. *Ser republicano no Brasil Colônia: a história de uma tradição esquecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 375 p.

## As ideias estão no lugar: ação republicana e formação de um vocabulário republicano no Brasil Colônia

ANTONIO CARLOS FIGUEIREDO COSTA \*



O livro que resenhamos, da historiadora Heloísa M. Starling, oferece uma receita completa e bem equilibrada aos melhores paladares intelectuais, quando interessados em acessar o diagnóstico das mazelas da nossa República – ou para utilizarmos das suas palavras, o ‘mal-estar na República’ – analisado sob os auspícios das artes de Clio.

Sobre a pitoresca “Revolta da Cachaça” muitos sabiam. Ainda mais presente nos compêndios de História eram eventos como a “Guerra dos Mascates”, “a Revolta de 1720” ou “Revolta de Felipe dos Santos”, os “Motins do Sertão” e mais ainda, “a Conjuração Mineira”, esta última com seu personagem central, o alferes Tiradentes, alçado à condição de ícone maior no panteão cívico republicano erguido concomitantemente ao arranjo institucional republicano de 15.11.1889.

A renovação historiográfica na qual passaram a trabalhar os historiadores brasileiros, a partir dos anos 1990, vórtice de pesquisa no qual se encontra inclusa a autora desse livro, trouxe consigo, especialmente, uma inaudita ampliação no escopo das perguntas que esses fazem aos tempos pretéritos, o que resultou na revisitação de antigas fontes, e necessariamente, na releitura daquilo que estas ofereciam.

Assim, novos métodos passaram a convergir com os avanços historiográficos oriundos do diálogo de pesquisadores do além-mar, incorporando as conquistas de historiadores europeus, especialmente portugueses, espanhóis, franceses e

ingleses, bem como de norte-americanos, indianos e africanos. A esse grande mosaico teórico e metodológico juntaram-se as contribuições de uma nova história das ideias, capitaneada por autores do porte de Quentin Skinner e John Greville Agard Pocock.

Mas faltava ainda alguém que – articulando e incorporando todas essas inovações metodológicas, temáticas e historiográficas, nos dissesse como que ideias políticas surgidas em tempos e locais tão distantes poderiam ter influenciado, de forma substancialmente decisiva, um território colonial inteiramente destituído de instituições acadêmicas, além de submetido a um *index* literário que resultava em pesada censura, e todo um sistema capilar de relações generalizado, instrumentalizado através do aparelho colonial português e da Igreja.

Pois é justamente essa a contribuição que nos oferece a obra saída da lavra de Heloísa M. Murgel Starling, “Ser republicano no Brasil Colônia: a História de uma tradição esquecida”. Munida com indiscutível fundamentação e ampla e sofisticada capacidade de análise, bem como amparada em inquestionável e erudito conhecimento acerca do trânsito das ideias políticas, a autora ‘navega’ com desenvoltura entre a Grécia e a Roma da Antiguidade, assim como adentra com o auxílio dos escritos de Maquiavel e Guicciardini, as repúblicas italianas de Veneza e Florença – ambientes de elevação cultural permeados por *cogitos* dos mais elevados, que constituíram no contexto do Renascimento italiano, o valor da *vita activa* – e as ideias que resultaram no humanismo cívico.

É a partir desses e de outros construtos republicanos que a autora passa a mostrar ao leitor como o trânsito de pessoas pelos oceanos, especialmente

nos séculos XVII e XVIII, contribuíram para que desembarcassem nas terras americanas que hoje formam o Brasil, não apenas seres viventes que aqui vinham buscar remédio para a sua pobreza, mas também para tecer testemunhos que davam provas que o mundo “virara de ponta a cabeça”, situação atestada por uma revolução que, na Inglaterra, havia executado uma cabeça coroada em pleno século XVII. E o que dizer de uma outra, onde ‘ingleses norte-americanos’ se constituíram em república, ao norte da América, auxiliados por franceses que logo viriam a fazer a sua própria revolução?

Assim, o que a autora vai revelando, com singular qualidade narrativa, que, além de mercadorias e imigrantes, os navios também desembarcavam aqui, novas ideias, na forma de livros proibidos e memórias que seus passageiros guardavam de terras tão distantes, aonde parecia haver um maior potencial de realizações, pelo poder de autogoverno. Em *suma*, abundavam relatos sobre lugares onde povos estabeleciam governos que não dependiam da existência de reis.

Com fôlego invejável, a autora transita com notável habilidade entre eventos históricos que antes nos pareciam bastante afastados, caso não atentássemos para as contribuições teórico metodológicas de pesquisadores como Skinner, Pocock e as inovações historiográficas das últimas décadas a que nos referimos linhas acima.

Esse é um dos grandes méritos de “Ser republicano no Brasil Colônia”: munir-se daquilo que há de mais relevante na bibliografia para inquirir epistemologicamente eventos históricos, e com isso, estabelecer diálogos entre episódios dos tempos pretéritos, iluminando fatos e personagens

históricos em suas potencialidades de emergência de formas republicanas, ainda que essas tentativas tenham sido derrotadas pela Coroa portuguesa, ou mesmo abortadas pelos próprios povos em sedição.

Até um passado relativamente recente, aqueles que se dedicavam a essas questões tinham dado muito pouca importância à ligação entre essas histórias, além de relegar à insignificância personagens que estivessem localizados um pouco mais distantes do centro das luzes da ribalta histórica. Desdenhava-se a capacidade de agenciamento de uma gente que se encontrava fora dos tradicionais espaços de determinação do poder: mulheres, negros, brancos, índios, escravos e mestiços pobres.

No entanto, o que a autora nos mostra é que essa gente ‘miúda’, para usarmos dos termos correntes à época, se

encontrava decidida a mudar o rumo das coisas na Colônia.

Analisando um lapso temporal de pouco mais de dois séculos na América portuguesa, Heloísa Starling demonstra que, antes que o século XVIII fosse encerrado, a ‘Revolta dos Alfaiates’ ocorrida na Bahia, em 1798, já apresentava uma linguagem plenamente característica da tradição republicana aqui estabelecida, e tudo isso em conformidade com um vocabulário político bastante conforme à época, compilado através do exame de panfletos dos revolucionários baianos. Que o leitor se deixe levar pela narrativa de Heloísa Starling. Estará em boa companhia, e possivelmente, ao final da leitura, menos angustiado com os males que constantemente identificamos em nossa República.

Recebido em 2021-01-20

Publicado em 2021-05-01

---

\* **ANTONIO CARLOS FIGUEIREDO COSTA** é professor de História na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).